

## Artigo

### **“Periferias Renegadas” Memórias e resistências de uma Belford Roxo marcada pela violência urbana**

*Silenced peripheries: Stigmas and memories of a region marked by urban  
violence*

**Marcelo Ribeiro Sales \***

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

**Diogo Silva do Nascimento \*\***

Universidade Federal de Minas Gerais  
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

**Recebido em:** 14 set. 2020.


**Aprovado em:** 30 jun. 2021.



---


Essa pesquisa não recebeu nenhum tipo de financiamento.

\* Doutorando em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor da rede estadual do Rio de Janeiro e professor voluntário em cursos preparatórios para as provas do ENEM. Atuou como professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Duque de Caxias FEUDUC no curso de graduação de Geografia. (grigh2@yahoo.com.br)

 <https://orcid.org/0000-0001-8802-0986>

 <http://lattes.cnpq.br/9524228406582908>

\*\* Pós-doutorando e Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atua como professor da Rede Estadual do Rio de Janeiro. (dyogo.edu@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-9205-5353>

 <http://lattes.cnpq.br/2981373509178403>

## Resumo

Um dos maiores problemas das periferias do Brasil, indubitavelmente, é a violência urbana. Essa mácula histórica da sociedade brasileira, fomentada pela profunda desigualdade social e uma histórica necropolítica estatal, cria regiões silenciadas, segregadas, estigmatizadas e com serviços públicos inexistentes e/ou precários. Dessa forma, o referente artigo se debruça sobre as históricas mazelas da cidade de Belford Roxo, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A cidade, além de carregar características dramáticas presentes em tantas periferias pelo país, teve sua situação agravada pela marca de ter sido considerada a região mais violenta do mundo na década de 1970. Essa chaga de região violenta se deu principalmente pela presença de grupos de extermínio, que espalhavam medo e terror entre as décadas de 1970 e 1990. Com o intuito de entender melhor “essa classificação” de região mais violenta de mundo e as consequências disso, a pesquisa buscou narrar memórias e desvendar possíveis notícias “estigmatizadoras”.

**Palavras-chave:** História regional. Periferias. Estigmas. Memória.

## Abstract

One of the biggest problems in the peripheries of Brazil, Undoubtedly, is urban violence. This historical taint of Brazilian society, fostered by profound social inequality and, Often, with the participation of state power, it creates silenced regions, segregated, stigmatized and with precarious public services. This way, here we will address the municipality of Belford Roxo, located in the Baixada Fluminense, metropolitan region of the state of Rio de Janeiro. The use of this city as a laboratory is motivated to carry these dramatic characteristics present in so many peripheries throughout Brazil. This situation is aggravated by the brand that the city carries because it was considered the most violent region in the world in the 1970s. False news, but that stigmatized the city and the citizens. This wound of the violent region was mainly due to the presence of extermination groups, which spread fear and terror between the 1970s and 1990s. In order to better understand “this classification” of the most violent region in the world and the consequences of this, the research sought to narrate memories and unveil possible “stigmatizing” news.

**Keywords:** Regional history. Peripheries. Stigmas. Memory.

## Conhecendo o território

Assim como várias periferias do Brasil, a região aqui abordada é marcada pelo abandono das autoridades políticas, precariedade de serviços públicos e direitos sociais, sendo muitas vezes representada como “apêndice” da cidade do Rio de Janeiro. A expressão “Baixada Fluminense” é historicamente muito controversa, pois existiam várias configurações sobre os municípios que realmente faziam parte dela. Inicialmente, foi adotada na década de 1930 e contemplava desde os municípios de Itaguaí e Seropédica, no sul do Estado, até Campos de Goytacazes, no norte do Estado.

A ocupação da Baixada se iniciou ainda no século XVI durante o período colonial, logo após a expulsão dos franceses que haviam invadido o Rio de Janeiro. Foram então criadas Sesmarias no “recôncavo da Baía de Guanabara”,<sup>1</sup> que eram doações da Coroa portuguesa. Aqueles que se instalassem nesses espaços deveriam iniciar um processo de produção que atendesse as demandas da metrópole. Ao longo desse processo de ocupação, foram criados engenhos de açúcar e capelas, principalmente às margens dos rios que cortam toda a região e deságuam na Baía de Guanabara. Já no século XVIII, a Baixada tornou-se passagem obrigatória para o escoamento do ouro que vinha das minas em direção aos portos do Rio de Janeiro. Nesse sentido, foram criadas estradas que intensificaram a importância estratégica da região. Contudo, seu crescimento populacional deu-se após a inauguração da primeira estrada de ferro do Brasil em 30 de abril de 1854 por Barão de Mauá. Os trilhos dessa estrada de ferro ligavam o Porto de Mauá, também conhecido como Porto de Pacobaíba, à localidade chamada Frágoso, caminho para a cidade serrana de Petrópolis. Essas localidades hoje fazem parte do município de Magé.

A partir de então foram construídas novas ferrovias na região impulsionando a ocupação, numa espécie de simbiose, pois na medida em que se criavam estações, em seu entorno surgiam núcleos de povoamento. O aumento desses núcleos deu origem a bairros e cidades atuais da Baixada.

Em 1888, uma grande estiagem arrasou a Baixada Fluminense afetando inclusive a Corte. Sendo assim, foi de responsabilidade do engenheiro Paulo de Frontin <sup>2</sup> o compromisso de captar

---

<sup>1</sup> AMARO, Tânia. BAIXADA FLUMINENSE. *Revista Pilares de História*, Duque de Caxias, v. 8, n. 9, p. 7- 9 2009, p. 7.

<sup>2</sup> Nasceu no Rio de Janeiro, em 17 de setembro de 1860, e faleceu em 15 de fevereiro de 1933, na mesma cidade. Foi engenheiro e político.

15 milhões de litros de água para a Corte em apenas seis dias. Ele conseguiu e esse feito que ficou conhecido como “milagre das águas”.<sup>3</sup>

O engenheiro Paulo de Frontin tinha um grande amigo e colaborador, outro engenheiro que muito trabalhou a serviço dessas obras de abastecimento de água para o Rio de Janeiro, chamado Raimundo Teixeira Belfort Roxo e que um ano depois veio a falecer. Numa localidade conhecida como “o Brejo”, uma pequena vila que depois de se chamar Ipueras e Calhamaço Brejo, recebeu o nome de Belford Roxo, em homenagem a esse ilustre engenheiro. Graças a um vício de linguagem, o “t” dá lugar ao “d” e assume a nomenclatura de Belford Roxo.<sup>4</sup>

Ainda no século XIX deu-se o início do cultivo de um produto agrícola que proporcionou à Baixada Fluminense, em especial as terras de Nova Iguaçu (que englobava ao que corresponde atualmente aos municípios de Queimados, Belford Roxo, Nova Iguaçu, Japeri, São João de Meriti, Mesquita, Nilópolis, Duque de Caxias) um novo desenvolvimento econômico para área. Tratava-se do plantio, cultivo e o beneficiamento da laranja.

A partir da década de 1930 a Baixada Fluminense começou a crescer rapidamente, principalmente após a construção das rodovias Presidente Dutra, que ligava as duas cidades mais importantes do Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo), e Washington Luís que ligava as cidades de Rio e Petrópolis.

Com a industrialização pós Segunda Guerra, houve um aumento significativo da população local. Isso se deu principalmente pela chegada de retirantes vindos do Nordeste e também dos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e interior do próprio Estado do Rio de Janeiro. Esse crescimento fez explodir o número de loteamentos, clandestinos ou não, em algumas regiões, triplicando o número de habitantes.<sup>5</sup> Um grande problema, ao receber esse volume imenso de pessoas, é que não foi feito nenhum tipo de planejamento urbano, causando impacto negativo na qualidade de vida daqueles que lá habitavam.

Essa carência de planejamento, assim como o descaso das autoridades, foram fatores decisivos para uma visão da Baixada carregada de estigmas, pois seu histórico de abandono acarretou na precariedade de serviços básicos para se viver em uma cidade: como saúde, educação e segurança pública.

Esse ambiente de “ausência” de serviços públicos e direitos sociais foi fértil para o surgimento de oportunistas, que fizeram a região ser conhecida pelo coronelismo praticado pelos políticos locais, muitas vezes com o uso da violência. Nesse campo, na década de 1950, destacou-se Tenório Cavalcante,<sup>6</sup> conhecido por controlar a política em Duque de Caxias com

---

<sup>3</sup> COSTA, Heloísa Raquel Inácio. *“Bastam seis dias”*: a domesticação da água e a plataforma republicana na Revista Ilustrada. Brasília: UNB, 2017.

<sup>4</sup> ALMEIDA, Rubens de. Belford Roxo também tem histórias para contar. *Revista Pilares de História*, Duque de Caxias, v. 8, n. 9, p. 69-76, 2009, p. 74.

<sup>5</sup> SOUZA, Marlúcia Santos de. *Escavando o passado da cidade: história política da cidade de Duque de Caxias*. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2014.

<sup>6</sup> Tenório Cavalcanti foi um político que dominou a Baixada Fluminense nos anos 50 e 60. Dono de personalidade violenta, ele aterrorizava seus adversários, com uma submetralhadora alemã, que ele chamava de Lurdinha. Trazia a arma sempre escondida em uma capa, o que lhe valeu a alcunha de “o homem da

mãos de ferro e crueldade para com seus opositores. Essa conexão entre política e violência também é uma das características que perdura até os dias atuais. Recentemente, em 2010, a Polícia Civil através da ocupação "capa preta" - uma alusão a Tenório Cavalcanti - prendeu 25 pessoas acusadas de envolvimento com grupos de milícia na cidade de Duque de Caxias. Entre os presos estavam dois vereadores da cidade.<sup>7</sup>

Na década de 1960 foi inaugurada a Refinaria de Duque de Caxias (REDUC). Esta foi a primeira refinaria do país inteiramente construída pela Petrobrás, sendo outras depois incorporadas. Esse fato representou um marco do desenvolvimento econômico para a toda a região, pois a refinaria atraiu outras indústrias, gerando novos empregos.<sup>8</sup>

Com a ditadura civil-militar (1964-1985), a Baixada foi afetada diretamente pelo regime de exceção. Interferências políticas nas gestões municipais não eram raras. Foram onze prefeitos em 11 anos no município de Nova Iguaçu. Isso comprova a interferência dos governos militares no comando de cidades da Baixada Fluminense durante a ditadura. Prefeitos resistentes ao regime e alinhados com setores progressistas perderam os mandatos e eram substituídos por interventores indicados pela repressão. O mecanismo das cassações obedecia à mesma regra: com o controle das câmaras municipais, militares forçavam vereadores aliados a abrirem processos de afastamento. A justificativa, em geral, envolvia denúncias de irregularidades nos governos, mas nem sempre comprovadas.<sup>9</sup>

Nas décadas de 1970 e 1980 verificou-se também um crescimento vertiginoso de grupos de justiceiros, muito deles agentes públicos, formando "esquadrões de extermínios". A rotina de violência e medo contribuiu para a atividade de repressão do próprio regime militar. Essa prática deixou resquícios até os dias atuais: a chamada "lei do silêncio", na qual a população não denuncia essa violência por medo de represálias. Esses grupos agiam com o objetivo de fazer uma "limpeza" contra usuários de drogas e marginais locais. Recebiam apoio de comerciantes e a proteção das forças policiais que tinham notoriedade durante o período do regime.

"Quem mora na Baixada tem que saber nadar quando chove, ter fôlego para correr atrás de ônibus, e saco para aguentar essa vida" (Regilda Maria dos Santos, mora em Queimados e trabalha na Barra da Tijuca).

"Na Baixada, eles matam mesmo. Matam pra valer, sem piedade." (Jurema Pinto de Miranda que teve o irmão assassinado por engano por grupos de extermínio).<sup>10</sup>

---

capa preta". Tenório era chamado pelos aliados políticos de "rei da Baixada", e pelos rivais, de "deputado pistoleiro". Devido às constantes ameaças de morte, Tenório e sua família habitavam uma fortaleza na Baixada Fluminense. Andava sempre armado e acompanhado de capangas.

<sup>7</sup> Entre os presos, havia dois vereadores de Duque de Caxias. A ação teve como objetivo dismantelar a mais antiga e bem estruturada milícia com atuação nos bairros de Gramacho, Pantanal e São Bento, naquele município. O GLOBO, 21/12/2010.

<sup>8</sup> RAULINO, Sebastião Fernandes. 50 anos de Reduc: Momento para reflexão sobre desigualdades e injustiças ambientais relacionadas às indústrias do petróleo, Petroquímica e Química. *Revista Pilares de História*, Duque de Caxias, v. 10, n. 12, p 39-52, 2011.

<sup>9</sup> O GLOBO, 12/03/2017.

<sup>10</sup> Depoimentos colhidos pelo Jornal O globo (O GLOBO, 10/03/1991).

No início da década de 1990 foram criados novos municípios após processos emancipatórios que deram a configuração atual à Baixada Fluminense, que engloba os municípios de: Itaguaí, Seropédica, Paracambi, Japeri, Nova Iguaçu, Mesquita, Queimados, Nilópolis, Belford Roxo, São João de Meriti, Duque de Caxias, Magé e Guapimirim.

No âmbito da violência urbana, os “antigos matadores” que participaram dos grupos de extermínio passaram a se envolver diretamente no campo político. Em algumas cidades elegeram-se vereadores e prefeitos ligados a esses grupos criminosos, reforçando as práticas de violência realizadas pelo poder público.

A Baixada Fluminense tem aproximadamente 3,73 milhões de habitantes, sendo 2,6 milhões de eleitores, o que faz da região uma potência eleitoral.<sup>11</sup> O município de São João de Meriti é a cidade com maior densidade populacional do país (13 mil hab/m<sup>2</sup>), com cerca de 460 mil habitantes em 35 km<sup>2</sup>. Nesse sentido, a região faz parte de uma das maiores concentrações populacionais do Brasil e da América Latina, condensando as mais dramáticas contradições vivenciadas pela sociedade brasileira.<sup>12</sup>

Nesse sentido, a região da Baixada Fluminense é um modelo típico de periferias das grandes cidades e regiões metropolitanas do Brasil: lugar com pouca presença efetiva do poder público, com uma ausência marcante de direitos sociais; pessoas que por muitas vezes são silenciadas; altos índices de violência, sobretudo o massacre dos mais pobres e negros; sem acesso à equipamentos culturais e de lazer, além da presença de doenças ligadas a falta de saneamento básico.

### **Belford Roxo, a região mais violenta do mundo!!**

O município de Belford Roxo ocupa uma área de 77,815 km<sup>2</sup> e conta atualmente com 469.332 habitantes. Com uma densidade de 6.031,38 hab/km<sup>2</sup> (Censo 2010), é a sétima cidade mais populosa do Estado. Até 1992, esse município fazia parte de Nova Iguaçu e era o distrito mais populoso até então, sendo que, por força de um plebiscito, conseguiu sua emancipação pela Lei estadual nº 1640.8.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) de Belford Roxo é considerado médio pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento sendo seu valor de 0,684. Apesar de se localizar no Estado do Rio de Janeiro, que possui o 4º maior IDH do Brasil, o valor do índice do município está abaixo da média do estado (0,768), e do país (0,744). A cidade de Belford Roxo assim como toda a região da Baixada Fluminense, é densamente povoada e os postos de trabalho não absorvem a demanda, de modo que grande parte da população ativamente econômica trabalha na capital, reforçando ainda mais o status de periferia.

---

<sup>11</sup> IBGE, 2010. Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=330045&searc h=%7Cbelford-roxo>. Acesso em: 05 ago. 2020.

<sup>12</sup> SOUZA ALVES, José Cláudio. *Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias. APPH, 2003.

O desenvolvimento industrial dos municípios vizinhos, especialmente Duque de Caxias, apresentou novas alternativas de mercado de trabalho para Belford Roxo, o que também aconteceu em menor proporção dentro da própria cidade, com a introdução de algumas indústrias como a *Bayer*, a *Lubrizol*, a *Termolite* e algumas empresas transportadoras.

Belford Roxo tem uma malha de transporte público insatisfatória, como a maioria dos municípios da região. Uma das rodovias mais importantes do país, a Presidente Dutra, passa pela cidade. Há também uma proximidade com a BR 040 e o Arco Metropolitano (BR 493), fazendo do município um lugar estratégico em termos de logística de transporte de cargas e passageiros.

Segundo dados do IBGE, em 2010 Belford Roxo possuíam 77 estabelecimentos de saúde, sendo 41 deles públicos, entre hospitais, prontos-socorros e postos de saúde. O município contava com apenas um hospital público, popularmente conhecido como "Hospital do Joca", que foi parcialmente fechado em 2011. Tinha sido inaugurado em oito de dezembro de 1998 e batizado com o nome do primeiro prefeito de Belford Roxo, Jorge Júlio da Costa dos Santos. Outro centro de saúde existente é o Hospital Infantil de Belford Roxo, localizado no bairro de Areia Branca. Há também a UPA (Unidade de Pronto Atendimento), localizada no bairro Jardim Bom Pastor e que recebe aproximadamente 650 pessoas por dia do próprio município e da região, e o Posto de Saúde Unidade Mista, localizado no bairro Lote XV.

A cidade está entre as piores em termos de saneamento básico, ocupando a 86ª posição no ranking das 100 maiores cidades brasileiras, de acordo com o Instituto Trata Brasil. Isso ajuda a elevar a proliferação de mosquitos e inúmeras doenças relacionadas à falta de saneamento básico.

O traço marcante da cidade assim como toda a Baixada Fluminense, é a presença histórica de grupos de extermínio. O primeiro prefeito da cidade, depois da emancipação de Nova Iguaçu, era suspeito de participar desses grupos criminosos. Jorge Júlio da Costa Santos, o "Joca", foi eleito em 1992 e tinha grande apoio popular, mas ironicamente veio a ser morto em 1995 em um assalto na cidade do Rio de Janeiro.

Mesmo com mais de 25 anos de existência, Belford Roxo está longe de ter serviços públicos satisfatórios, como os dados citados demonstram. Há um histórico de abandono e esquecimento deste território, onde sua população permanece silenciada graças a esse quadro de desamparo e intensa violência.

### **Caminhantes pesquisadores. A periferia sob o olhar dos estigmatizados.**

A situação de exclusão social enfrentada pelas camadas populares está longe de ser anulada nos territórios periféricos. Vale ressaltar que Periferia é o nome que, no Brasil, foi dado aos lugares menos privilegiados para morar. Ou seja, longe dos espaços mais bem providos de

infraestrutura.<sup>13</sup> Essas regiões são extremamente marcadas pela violência e deficiência de serviços públicos. Elas carregam estigmas e preconceitos expressado, principalmente, pelos veículos midiáticos e redes sociais. Dessa forma, a construção da periferia é algo que parte de “fora pra dentro”, uma construção do outro, criando um termo depreciativo. Isso também pode ser mais bem entendido, de maneira análoga na obra de Edward Said, “Orientalismo, o oriente como uma invenção do ocidente”,<sup>14</sup> no qual a dualidade Ocidente-Oriente cria uma hierarquia social.

Sendo regiões precarizadas, as periferias são definidas não pela intensidade ou densidade de inter-relacionamento interno ao nível local, mas sim pela dependência, pela subalternidade face às áreas centrais.<sup>15</sup>

Contudo, a periferia deixou de ser apenas um laboratório de pesquisa e passou a ser um território formador de pesquisadores “outros”. Com a ascensão de políticas de acesso ao ensino superior, a partir de 2002, muitos moradores das periferias conseguiram ocupar as universidades públicas. Passado duas décadas da ascensão dessas políticas, assistimos um número significativo de moradores periféricos seguirem seus estudos nos cursos de mestrado e doutorado. Desse modo, pesquisadores periféricos, como os do Núcleo de Pesquisas Sociais da Maré (NEPS) e Grupo de Pesquisa Territórios Silenciados (GPTES), tem se debruçado sob pesquisas com um olhar mais denso sobre os cotidianos periféricos.

As inquietações desses pesquisadores periféricos se justificam pelo desequilíbrio nas análises acadêmicas sobre esses territórios. Se por um lado algumas regiões periféricas são extremamente pesquisadas e analisadas de maneira homogênea, por outro, há regiões esquecidas cientificamente. Nesse sentido, são lugares silenciados em sua história e com seus habitantes estigmatizados que se diferenciam de territórios periféricos chamados de “periferia cult”, como diz Sales.<sup>16</sup>

Ainda segundo Sales, os estudos periféricos, especificadamente na região metropolitana do Rio de Janeiro, se debruçando sobre as favelas da capital que estão sempre na mídia, como as da região da Zona Sul do Rio de Janeiro e os Conjuntos de Favelas da Maré e do Alemão.<sup>17</sup> Ainda segundo o autor, os estudos têm priorizado essas “periferias cult” e invisibilizado possíveis estudos sobre as “periferias renegadas” existentes na região metropolitana do Rio de Janeiro, principalmente as localizadas na Baixada Fluminense.

---

<sup>13</sup> LACERDA, Mariana. *Revista Continuum*. São Paulo: Itaú Cultural, n.26, 2010, p. 9.

<sup>14</sup> SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>15</sup> DOMINGUES, Álvaro. (Sub)úrbios e (sub)urbanos – o mal-estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? *Geografia – Revista da faculdade de Letras*. I série, vol. X, XI. Porto, 1994/95 pp. 5-18.

<sup>16</sup> RIBEIRO SALES, Marcelo. *Memórias da violência e resistências silenciadas: as ações político-educativas da paróquia São Simão, em Belford Roxo (RJ)*. Dissertação de Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas. FEBF/UERJ. Duque de Caxias. 2019.

<sup>17</sup> *Idem*.



Pensar nesses lugares invisibilizados, especificadamente nas "periferias renegadas",<sup>18</sup> nos remete a possíveis "(re)estigmas sociais" que são construídos sob moradores periféricos. Ora, se os estigmas são observados nas favelas cult, o que dizer dos existentes nas favelas renegadas? Nesse sentido, vale ressaltar que o estigma é uma construção social em que os atributos particulares que desqualificam as pessoas variam de acordo com os períodos históricos e a cultura, não lhes propiciando uma aceitação plena social. Desta forma, as pessoas são estigmatizadas numa situação social, ou seja, a estigmatização não é uma propriedade individual.<sup>19</sup> Portanto "O termo estigma será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo".<sup>20</sup>

Para Link & Phelan o "estigma existe quando elementos de rotulação, estereotipização, separação, perda de status e discriminação ocorrem simultaneamente em uma situação de poder que permite tais componentes acontecerem".<sup>21</sup>

Já Serge Paugam utiliza a expressão "identidade negativa" para classificar os indivíduos que herdaram um status desvalorizado graças ao local onde moram, cuja reputação é má.<sup>22</sup>

Dessa forma, historicamente, as "periferias renegadas", além de serem submetidas a uma segregação e deficiência de serviços públicos que favoreceram a consolidação do crime organizado que possibilita a imagem dessas localidades como locais violentos, acabam por ter suas memórias e histórias "outras" historicamente silenciadas.<sup>23</sup> Tal condição faz dessas "periferias renegadas" zonas segregadas em sua história. No entanto, quando adentramos e visibilizamos essas periferias em questão, construímos possibilidades de fomentar lembranças de um e de outras zonas de sombra, silêncios e dos conhecimentos e memórias não ditas. As fronteiras desses silêncios com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento.<sup>24</sup>

Portanto, pensando na importância de visibilizar memórias, saberes "outros" provindo dessas "periferias renegadas", investigamos histórias silenciadas da cidade de Belford Roxo no período da década de 1970 até o final da década de 1990. Algumas fontes mencionadas são desses pesquisadores "outros" frutos das políticas de justiça social promovidas de 2002 a 2016. A escolha desses pesquisadores se justifica pelos olhares "de perto e de dentro" tecidos

---

<sup>18</sup> RIBEIRO SALES, Marcelo. *Memórias da violência e resistências silenciadas...* Op. cit.

<sup>19</sup> AINLAY, Stephen C.; COLEMAN, Lerita M.; BECKER, Gaylene. *Estigma reconsiderado*. In: O dilema da diferença. Springer, Boston, MA, 1986. p. 1-13.

<sup>20</sup> GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC, 1975, p.13.

<sup>21</sup> LINK, Bruce G.; PHELAN, Jo C. Conceitualizando o estigma. *Revisão anual de Sociologia*, v. 27, n. 1, 2001, p. 377.

<sup>22</sup> PAUGAM, Serge (2003) A desqualificação social. Ensaio sobre a nova pobreza. *Coleção Educação e Trabalho social* 6. Porto: Porto Editora, p.129.

<sup>23</sup> RIZZINI, Irene; LIMONGI, Natalia da Silva. Percepções sobre violência no cotidiano dos jovens. *Revista Katálysis*, v. 19, n. 1, p. 33-42, 2016, p. 35.

<sup>24</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista estudos históricos*. Rio de Janeiro, 2.3, 3-15, 1989, p.3.

historicamente nesses territórios. Buscamos também acervos de jornais com matérias e depoimentos dos atores envolvidos nos processos pesquisados.

## **A região mais violenta do mundo?**

Historicamente, a cidade de Belford Roxo, assim como grande parte da Baixada Fluminense, é marcada pela presença de grupos de extermínio. É comum e até muitas vezes reproduzidos em trabalhos acadêmicos que a cidade é citada em um relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como “o local mais violento do mundo” na década de 1970. Isso se deu graças a uma reportagem da Revista Veja nº 501 de 1978, assinada pelo repórter Antônio Carlos Fon. A matéria tinha como objetivo investigar as atuações de grupos de extermínio e relatava que Belford Roxo, então distrito de Nova Iguaçu era o local mais violento do mundo. Contudo nunca existiu tal relatório da UNESCO. Esse dado falso levou grupos influentes, como o Clube Rotary da cidade, a procurar a organização internacional, e essa informou através do seu representante no Brasil, Gustavo Lopez, que a entidade nunca patrocinou nenhum estudo do tipo, e acrescentou que a sede da UNESCO em Paris, foi consultada e reafirmou não existir nenhuma pesquisa sobre violência no distrito de Belford Roxo.<sup>25</sup>

Em novembro de 1979, o repórter Percival de Souza, do jornal Tarde de São Paulo, passou três meses na Baixada Fluminense e também abordou, numa série de reportagens que mais tarde se transformou no livro “A maior violência do mundo”, que Belford Roxo, segundo a UNESCO era “o lugar mais violento do mundo”.

Segundo Percival, “Quando cheguei a Baixada já encontrei esta informação”, corroborando com a reportagem revista Veja feita um ano antes. O repórter foi à Prefeitura de Nova Iguaçu e o assessor do prefeito Rui Queiros, Roberto Wilson informou que havia feito um trabalho para a Escola Superior de Guerra sobre os problemas da Baixada Fluminense, e que Belford Roxo, segundo a UNESCO, era o lugar mais violento do mundo. Como o então candidato a Presidente da República, João Figueiredo, esteve em Nova Iguaçu para inaugurar uma escola para crianças com necessidades especiais, que foi construída com bases em informações da UNESCO sobre a região, Percival concluiu que a notícia, pelas estatísticas de criminalidade na região, nem precisava ser confirmada. Por fim ele finalizou: “Se a Baixada Fluminense não é a região mais violenta do mundo, é uma das mais.”<sup>26</sup>

O relato no livro destacava a devida informação: “Segundo as informações atribuídas a instituição internacional, uma pesquisa de 95 países, de 1971 a 1976, constatou ser Belford Roxo, o lugar mais violento do mundo na ocasião e que, naquele período, morreram mais

---

<sup>25</sup> O GLOBO, 11/10/1980.

<sup>26</sup> O GLOBO, 11/10/1981.

pessoas assassinadas em Belford Roxo do que a Guerra de Biafra (Guerra civil na Nigéria que durou de 1967 - 1970)”.

O jornal O Globo na época apurou que a pesquisa feita pela UNESCO não foi sobre a violência e sim sobre “pessoas excepcionais”. O projeto de construção do Centro Interescolar de Excepcionais Castorina Faria Lima, no bairro Monte Líbano, em Nova Iguaçu, elaborado pela Coordenação de Educação Especial da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, informava que em 1977, de acordo com estimativas em 95 países, de números de crianças que internacionalmente recebem educação especial, foi estabelecido que 8% dessas crianças em escolas primárias são excepcionais.<sup>27</sup>

Trazendo para a linguagem dos dias atuais, essa *fake news* <sup>28</sup> ajudou a construir o estigma da violência que a cidade carrega, mas, independente disso, o número de assassinatos causados pela violência urbana, nas décadas de 1970, 1980 e 1990 são análogos ao número de mortos em muitas guerras pelo mundo<sup>29</sup>.

Belford Roxo sempre foi utilizado como referência negativa em números de homicídios, como demonstra o título da reportagem do jornal O globo, que compara o aumento do número de assassinatos em Diadema, na grande São Paulo, com os de Belford Roxo no final da década de 1990, no qual qualifica como “área crítica da Baixada”.

**Figura 1** – Matéria comparando o número de homicídios nas cidades de Belford Roxo-Rj e Diadema – SP



Fonte: Acervo O globo 15/08/1999.

Ainda nas décadas de 1970 e 1980, os assassinatos eram por encomenda ou a realização de uma “limpeza” da área contra traficantes e ladrões que cometiam delitos. Essas práticas tinham apoio de parte da população e eram financiadas por comerciantes e empresários locais. Segundo o sociólogo José Claudio de Souza Alves, especialista em violência na Baixada

<sup>27</sup> O GLOBO, 11/10/1981.

<sup>28</sup> São notícias falsas publicadas por veículos de comunicação como se fossem informações reais. Esse tipo de texto, em sua maior parte, é feito e divulgado com o objetivo de legitimar um ponto de vista ou prejudicar uma pessoa ou grupo (geralmente figuras públicas).

<sup>29</sup> RIBEIRO SALES, Marcelo. *Memórias da violência e resistências silenciadas...* Op. cit., p. 46.

Fluminense, a partir da ditadura militar oferece-se respaldo político. Ainda de acordo com o sociólogo, as vítimas são os chamados “bandidos”, numa construção de um “inimigo”, que geralmente era negro, pobre ou usuário de entorpecentes. Para o morador e comerciante do bairro Lote XV Paulo de Oliveira da Silva, existia uma segurança e tranquilidade nessa época, pois só morria “vagabundo” e “maconheiro”.

Durante a ditadura, os grupos de extermínio eram compostos por agentes públicos como policiais, bombeiros e guardas municipais. Já no período final do regime, na década de 1980, começou a aparecer a presença de civis, e os agentes públicos passam a gerenciar essa estrutura de violência, com a anuência do Estado. Em matéria assinada por José Ricardo Pietro, o sociólogo José Claudio de Souza Alves, especialista na história da violência na Baixada Fluminense, chama a atenção que não existe o chamado “poder paralelo”, pois a estrutura de violência já fazia parte do Estado.<sup>30</sup>

Alves ilustra com clareza a ligação do crime com o Estado e o capital:

Alguns comerciantes financiam os grupos de extermínio para limpar a área. Geralmente matam gente pequena, jovens que não representam ameaça alguma. Os comerciantes financiam para disputas internas de mercado. Casam o interesse do comerciante com o do político que eles financiam naquela área. O círculo começa a se fechar. O comerciante quer impedir que abram outros negócios por perto, aí financia a campanha de um político para este proteger aquele bairro e não o outro, favorecendo os seus interesses — por exemplo, das empresas de ônibus daquela região. Por sua vez os grupos de extermínio atuam limpando essa área, favorecendo a atuação de alguns candidatos e recebendo proteção financeira dos empresários que montaram a estrutura de dominação e por outro lado, apoio político dos candidatos, que tem também interesse em controlar certas áreas através dos grupos de extermínio. Isso é no pequeno porte.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> PIETRO, O crime organizado... pelo Estado. *A NOVA DEMOCRACIA*, 2006. Disponível em: <https://anova-democracia.com.br/no-32/405-o-crime-organizado-pelo-estado>. Acesso em 28 ago. 2020.

<sup>31</sup> *Idem*. Acesso em 28 ago. 2019.

**Figura 2** – Capa do jornal Última Hora, destacando uma chacina em Belford Roxo, onde os matadores utilizaram 100 tiros contra as vítimas.



Fonte: Jornal Última Hora 28 /02/1983.

## Belford Roxo e suas memórias de violência

No ano de 2005, ocorreu a chamada “Chacina da Baixada” nos municípios de Nova Iguaçu e Queimados. Esse crime vitimou 29 pessoas e foi a maior chacina do Estado do Rio de Janeiro. Policiais militares, de folga, percorreram bairros e abriram fogo contra qualquer um que cruzasse seus caminhos. Em Nova Iguaçu executaram 17 pessoas, depois partiram para o município de Queimados e executaram mais 12 pessoas. Nessa empreitada foram utilizadas centenas de munições, mostrando a crueldade dos assassinos e sua insatisfação com a linha-dura imposta nos batalhões após a troca do comando. Isso foi o estopim para a explosão de violência.

Meia hora antes do início da matança, dois integrantes do bando de policiais militares teriam reclamado das mudanças em um bar em Nova Iguaçu. O comandante do 15º BPM (Caxias), coronel Paulo César Lopes, havia prendido mais de 60 policiais por desvio de conduta. Dias antes do massacre, oito PMs do mesmo batalhão foram flagrados por uma câmera abandonando dois corpos degolados nos fundos do batalhão.<sup>32</sup>

A Chacina da Baixada chamou novamente a atenção da imprensa e de toda a sociedade para a realidade de violência na região. A atuação de policiais como grupo de extermínio,

---

<sup>32</sup> O GLOBO, 10/09/2012.

executando inocentes, remeteu ao passado sombrio dos chamados “matadores”, que naquele momento, parecia ter ficado distante. Isso levou a uma mobilização de toda a sociedade local em busca de justiça e conscientização para o descaso e abandono das autoridades para a região da Baixada Fluminense.

Contudo, mesmo com a grande repercussão da Chacina da Baixada, outros crimes deste tipo se fizeram frequentes na região. A Baixada, como outras periferias brasileiras, têm em comum que, algumas regiões parecem ser mais esquecidas que outras. Isso gera um silêncio quase ensurdecedor, são memórias esquecidas e silenciadas.

Belford Roxo, desde a época que era distrito de Nova Iguaçu, estampou as páginas de jornais devido à violência praticada por grupos de extermínio. Seu estigma de “local mais violento do mundo” ajudou a construir essa visão, mas os crimes faziam parte do cotidiano da cidade. Com a emancipação do município no início da década de 1990, houve esperança de dias melhores, mas a marca da violência insistiu em permanecer na história da cidade. O primeiro prefeito da cidade, Jorge Júlio da Costa dos Santos, era acusado de integrar grupo de extermínio. Segundo José Claudio Alves, isso também ocorreria em outros municípios. No início dos anos 90 temos os matadores chegando ao poder. O primeiro foi Joca, em Belford Roxo. A política é uma forma de se fazer uma “lavagem de cidadania”.<sup>33</sup> “Os grandes *matadores* foram premiados com isso. Os membros de grupos de extermínio também perceberam as facilidades. Se o matador se elege, está limpo. Aí começa a fazer algumas obras no bairro. Instala um posto de saúde, faz asfalto. O tráfico de drogas apoia o matador/prefeito, deixa ele entrar, protege, é cabo eleitoral dele, não deixa outros candidatos fazerem campanha ali”. Desse modo, não é uma ausência total da presença do Estado, ela existe de forma precária, pois muitos agentes públicos encarregados do uso legítimo da força transformaram essa violência em mercadoria política.<sup>34</sup>

Esse cotidiano de violência de assassinatos, muitas vezes chacinas, praticadas principalmente por agentes públicos de segurança foram traçando um histórico de terror, mas também de resistência.

## **O bairro Lote XV: o principal encontro de pistoleiros**

O bairro está situado no limite com o município de Duque de Caxias e às margens do Rio Iguaçu. Essa região é bem peculiar, pois pela distância que tem do centro da cidade de Belford Roxo, cerca de 15 quilômetros os moradores se identificam mais com a cidade de Duque de Caxias, pela maior proximidade, cerca de 9 quilômetros.

Mais curioso ainda é que munícipes de bairros alguns bairros da cidade de Duque de Caxias, que fazem limite com Belford Roxo também se identificam com o bairro Lote XV. No

---

<sup>33</sup> SOUZA ALVES, José Cláudio. *Dos barões ao extermínio... Op. cit.*

<sup>34</sup> MISSE, Michel. As ligações perigosas: mercado informal ilegal, narcotráfico e violência no Rio. *Contemporaneidade e educação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1997, pg. 19.

“senso comum” da população daquela localidade, é como se o bairro fizesse parte de dois municípios.

As primeiras residências no local datam da década de 1940, conforme relatam os moradores mais antigos. O desenvolvimento econômico deu-se no início dos anos 1950 quando ocorreu o processo de industrialização no país. Até então, só existia pequenos comércios que atendiam as necessidades mais básicas, mas mesmo assim de maneira precária.<sup>35</sup>

Os primeiros moradores do bairro não tinham energia elétrica nem saneamento básico. O primeiro “ponto de luz” abastecia todas as famílias e existia uma pessoa responsável por essa distribuição e cobrança das contas, como se fosse um condomínio fechado. Os pequenos comércios que existiam eram um armazém, um açougue, uma fábrica de fubá, uma padaria e uma farmácia.

Quem chega vindo do centro de Duque de Caxias observa um traço marcante do bairro, o Parque de Diversões do Lote XV, construído nos anos de 1970. Esse local privado faz parte da diversão da maioria das crianças do bairro. Hoje em dia, em época de memes,<sup>36</sup> o comentário no bairro em tom de brincadeiras é que tantos parques já fecharam, como *Tivoli Park*<sup>37</sup> e Terra Encantada,<sup>38</sup> mas o Barilândia continua funcionando.<sup>39</sup>

Como os terrenos na capital do estado eram mais caros e mais concorridos, muitos nordestinos, principalmente paraibanos, pernambucanos, alagoanos e sergipanos, foram para a Baixada Fluminense em busca de áreas mais acessíveis para construir suas moradias. A partir daí, a população do bairro teve um crescimento avassalador, sendo morros e brejos ocupados sem nenhum planejamento. As ruas foram ganhando asfalto gradualmente e hoje são poucos os locais no centro do bairro em que não há asfalto, porém, nas adjacências, muitas ruas ainda não estão pavimentadas, e outras estão em péssimo estado de conservação.

A mobilidade urbana se dá principalmente pela Av. Joaquim da Costa Lima (RJ- 105), que liga o bairro ao centro do município de Belford Roxo e pela Av. Presidente Kennedy (RJ-101) que atualmente se chama Avenida Governador Leonel de Moura Brizola, ligando o centro de Duque de Caxias à Rodovia Washington Luiz (BR-040). Essas duas vias impulsionaram o crescimento populacional do bairro Lote XV, pois em suas margens cresceram diversas ocupações urbanas.

Nas décadas de 1980 e 1990, o bairro era citado nos jornais, sobretudo pela forte presença dos grupos de extermínios. Praticamente todos os dias, estes justiceiros agiam no intuito de fazer uma “limpeza”, matando traficantes e usuários de drogas, além de agirem como

---

<sup>35</sup> GAMA F. *O desenvolvimento econômico do Bairro Lote XV, Belford Roxo, RJ*. 2016. 38 fl. Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Duque de Caxias-Feuduc. 2016.

<sup>36</sup> A expressão meme é usada para descrever um conceito de imagem e vídeos relacionados ao humor, que se espalha via *Internet*.

<sup>37</sup> O *Tivoli Park* foi um parque de diversões localizado no bairro da Lagoa, na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Funcionou de 1973 a 1995.

<sup>38</sup> O Terra Encantada foi um parque de diversões que operou durante 12 anos na cidade do Rio de Janeiro. Projetado para ser um dos mais modernos parques de diversão do Brasil, foi inaugurado no ano de 1998 e funcionou até 2010.

<sup>39</sup> GAMA F. *O desenvolvimento econômico... Op. cit.*

matadores de aluguel. Era comum a participação de policiais militares em chacinas, como demonstra a reportagem a seguir:

PMs acusados de fazerem parte de um grupo de extermínio:

São dez e não nove os policiais militares acusados formalmente e já reconhecidos por testemunhas de 20 crimes de morte na jurisdição de Belford Roxo da 54ª DP (Belford Roxo). Os PMs foram transferidos dos seus quartéis para um local mantido em sigilo pelo Secretário e interino de Segurança, Vivaldo Barbosa. Estão presos os soldados Joao Reneaux Duarte Filho, o careca, da P2 do 21º BPM; Paulo Alves Ferreira, O Paulo Hulk( 17º BPM); Hayche de tal ( 15º BPM ); Edmilson Carvalho, o Chicão (21º BPM); Valim (20º BPM); o cabo Jorge Oliveira Souza, o Souza ( que ao ser transferido do 21º para o 9º BPM trocou o nome-de-guerra para Oliveira; o Sargento João Pires filho, Comandante do Destacamento de Polícia Ostensivo do Lote Quinze, em Belford Roxo (20º BPM ). Vivaldo Barbosa informou ontem que está preso também um soldado conhecido como Carlinhos, do 15º BPM.<sup>40</sup>

Os “matadores” agiam sem piedade e os casos não eram investigados. Chacinas eram corriqueiras e estampavam as capas dos jornais da época, que faziam manchetes icônicas e sensacionalistas com as imagens dos cadáveres.

Não tão diferentes das atuais milícias que atuam no Estado do Rio de Janeiro, esses grupos tinham apoio de comerciantes e políticos locais, e, de certa forma, também de parte da população. Para uma parcela de moradores, esses agentes do crime garantiam a ordem e a pseudo-sensação de segurança.

De acordo com a gíria policial na década de 1990, o Lote XV fazia parte da chamada “Zona Morta” que abrangia 10 bairros e era loteada por sete grupos de extermínio. Os bairros faziam parte de Duque de Caxias, São João de Meriti e Belford Roxo. Segundo Tânia Moreira, uma promotora de Duque de Caxias que ficou conhecida pelo combate aos grupos de extermínio, o grupo mais perigoso era o grupo chefiado pelo ex-PM Ernani Rodrigues Lima<sup>41</sup>. Numa das áreas mais perigosas da Baixada, a miséria desconhece a lei. O grupo do “De Lima” causava temor pois obrigava comerciantes a pagar por uma segurança, além de exterminar quem fosse suspeito de cometer qualquer tipo de crime.

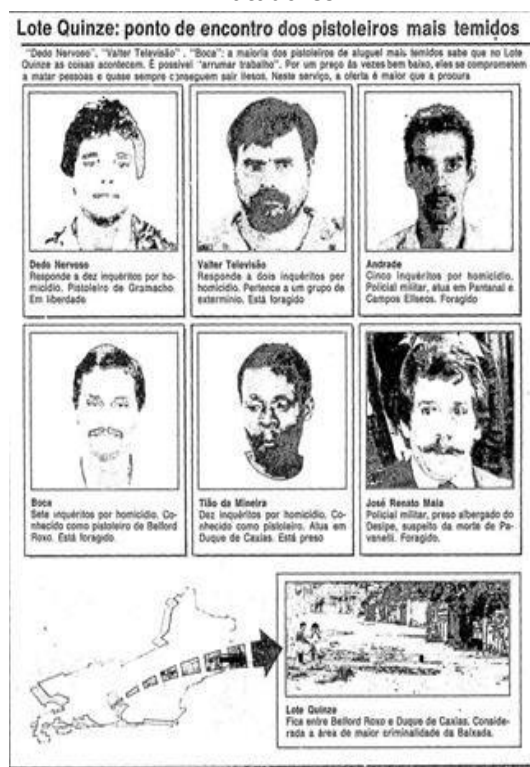
---

<sup>40</sup> O GLOBO 11/04/1983.

<sup>41</sup> Morto numa troca de tiros com a polícia no início da década de 2000.



**Figura 3** – Matéria de Jornal, demonstrando que o bairro Lote XV (quinze) era o lugar de encontro de matadores.



Fonte: Acervo O globo 02/09/1990

A partir da década de 2000, há uma redução do modus operandi dos grupos de extermínios. Eles, nesse momento, estão presentes em cargos políticos eletivos,<sup>42</sup> e mudam suas ações. Passam a grilar terras ou se envolverem em outros negócios, mas mantinham seu terror com ameaças a quem os questionassem.

### O caso Marli (1979)

Um caso de assassinato chamou a atenção da imprensa pela coragem de uma mulher, negra, em denunciar os autores do crime que executaram seu irmão. Marli Pereira Soares testemunhou quando na noite de 12 de outubro de 1979, cinco policiais militares invadiram sua casa, no bairro Vila Pauline, em Belford Roxo e assassinaram com 13 tiros seu irmão, Paulo Pereira Soares Filho que tinha 18 anos. Em um ato de extrema e rara coragem, pois existia o medo de represálias por parte dos criminosos, ela não se calou. Com apenas 25 anos e acompanhada de seu pai, denunciou na delegacia de Belford Roxo, 54ª DP, o que tinha ocorrido.

<sup>42</sup> Os prefeitos de Duque de Caxias, o Zito; o primeiro prefeito de Belford Roxo, o Joca; e o prefeito de São João de Meriti, o Mica, eram acusados de fazerem parte de grupos de extermínios. Não à-toa são os três municípios que faziam parte da Zona Morta, descrita anteriormente.

Entre idas e vindas a delegacia, ela foi levada ao 20º Batalhão de Polícia Militar, responsável pela área, para reconhecer os algozes do seu irmão. Ainda sobre o julgo da Ditadura Militar, o caso Marli se tornou um símbolo de resistência contra a violência na Baixada, tendo grande repercussão em todo o país. Esta força rompeu a barreira de silêncio ditatorial e racista sobre a mídia, obrigando jornais, rádio e televisão a abandonar a linguagem usual do estereótipo, para narrar uma morte em nada inesperada e, principalmente, a reação a ela protagonizada por uma mulher negra jovem. Esta viria a ser chamada de “Marli Coragem”. Sua atitude inspirou em 1980 os compositores Ivan Lins e Vitor Martins a fazerem uma canção em sua homenagem:

#### CORAGEM MULHER

Essa firmeza nos teus gestos delicados. Essa certeza desse olhar lacrimejado.  
Haja virtude, haja fé, haja saúde.  
Pra te manter tão decidida assim.  
Que segurança pra dobrar tanta arrogância Que petulância de ainda crer numa  
esperança Quem é o guia que ilumina os teus dias?  
E que te faz tão meiga e forte assim?  
Coragem, coragem, coragem, mulher!  
Como te atreves a mostrar tanta decência?  
De onde vem tanta ternura e paciência? Qual teu segredo, teu mistério, teu  
bruxedo pra te manter em pé até o fim?  
Coragem, coragem, coragem, mulher Coragem.<sup>43</sup>

Tenho pavor de barata, de polícia não!” “Só vão calar minha boca quando eu  
morrer, ou melhor, quando eu for assassinada. Paulo era um rapaz, alegre, bonito,  
nunca fez mal a ninguém. Não consigo entender por que fizeram aquilo com ele,  
e como os policiais foram tão covardes. (...) Minha luta não é contra a Polícia  
Militar, é contra os assassinos. Quero justiça!”.

Marli Pereira Soares, a Marli Coragem.<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup> LINS. I, & MARTINS. V. CORAGEM MULHER. In: *Novo tempo*. Intérprete: Ivan Lins. EMI, São Paulo. 1980.

<sup>44</sup> O GLOBO, 09/04/1980.

**Figura 4** – Marli Pereira Soares, a Marli Coragem, reconhecendo os assassinos do seu irmão no 20º BPM.



Fonte: Acervo O Globo, 08/04/1980.

### **Chacina do Lote XV (1987)**

De acordo com os jornais da época, os corpos de três homens e uma mulher, baleados na cabeça com armas de grosso calibre, foram encontrados no bairro Lote XV. O único identificado foi Murilo Martins, de 42 anos, morto com três tiros. Segundo moradores, nenhum dos quatro chacinados eram conhecidos na área. Os vizinhos relataram que antes de morrer, os mortos imploraram para não serem assassinados.<sup>45</sup>

A chacina foi descoberta às 4 h da madrugada, quando um dos donos do Bar Casa Verde chegou para abrir o estabelecimento. Na calçada ao lado, lugar que serve de ponto de encontros amorosos e boca-de-fumo, estavam quatro cadáveres. Na parte externa do bar, também havia várias perfurações de bala.

Dos três mortos não identificados, nada se apurou além da idade presumível, variando entre 25 e 35 anos. Segundo o PM Jadir Gomes, que esperava junto aos corpos a chegada do rabecão do Instituto Médico Legal, "todo dia tem assassinato em Duque de Caxias<sup>46</sup> e as pessoas até estranham quando não aparece morto".<sup>47</sup>

---

<sup>45</sup> RIBEIRO SALES, Marcelo. *Op. cit.*

<sup>46</sup> Como mencionando anteriormente, muitas pessoas, no senso comum, acreditam que a região do Lote XV faz parte de dois municípios: Belford Roxo e Duque de Caxias.

<sup>47</sup> O GLOBO, 25/05/1987.

O Bar Casa Verde era um local bem conhecido de todos pela presença de matadores e por ser um “inferninho”.<sup>48</sup>

### **Chacina do Wona (1990)**

Dez pessoas mortas, sendo oito homens e duas mulheres, foram alvejadas a tiros e uma pessoa ficou ferida. As vítimas da chacina moravam em seis quartos construídos num mesmo terreno. Acreditava-se que quatro mortos que residiam no local há 15 dias antes do ocorrido tivessem envolvimento com o tráfico de drogas e teriam sido o alvo principal da matança. Segundo vizinhos, 12 homens encapuzados, vestidos de preto, chegaram ao local divididos em grupos e se espalharam pelo terreno, enquanto iam obrigando os moradores a saírem de suas casas e se deitarem no chão.

Quatro das vítimas - Jaílton Silva, de 41 anos, os irmãos Jorge Alberto da Silva Oliveira, 35, e Ubiratan da Silva Oliveira, de 28 e Orestes Ferreira de Souza, de 44 - eram trabalhadores e moravam no local há mais de cinco anos, segundo o proprietário dos quartos, Argeu Luis da Costa. Ele contou que dois casais de baianos - Marília Araujo os Santos, 26, e seu marido Neivaldo Francisco da Silva, de 23, e Marta de Jesus Santana de 35, e seu namorado, Gilberto dos Santos, de 23, que é irmão de Marília - alugaram dois quartos há 15 dias, levados por outro morador, Paulo Roberto, o Pelé, que morava no terreno há pouco tempo. Os outros dois mortos foram identificados apenas como Jorge e Maluco.<sup>49</sup>

### **Chacina do ônibus Santo Antônio (1997)**

No dia 20 de fevereiro de 1997, cinco adolescentes foram assassinados no município de Belford Roxo. De acordo com investigações da 54ª DP, os cinco menores faziam bagunça no ônibus da linha 449 da empresa Santo Antônio, que liga o município de Duque de Caxias ao bairro Bom Pastor, em Belford Roxo. Quando o ônibus passava ao lado da subestação de energia do bairro São José, os garotos teriam tentado descer sem pagar a passagem.

Nesse momento, três homens que estavam na parte traseira do ônibus teriam se levantado e, de revólveres na mão, mandado o motorista parar. A porta traseira foi aberta e os meninos desceram, empurrados pelos homens, segundo o relato de passageiros a policiais da 54ª DP. Os homens teriam obrigado os menores a deitarem em um gramado junto da grade da subestação, com as mãos dentro dos calções. Em seguida, dispararam.

Cada garoto levou um tiro na cabeça, na altura do ouvido direito. A chacina ocorreu por volta das 17h. O chefe da Polícia Civil do Rio de Janeiro, delegado Hélio Luz, disse ao jornal à

---

<sup>48</sup> Termo pejorativo para boate ou bar mal frequentado.

<sup>49</sup> O GLOBO, 14/02/1990.

Folha de São Paulo, que as primeiras investigações da chacina foram dirigidas para apurar uma suposta ação de seguranças de empresas de ônibus.

De acordo com o delegado Mário Azevedo, da 54ª DP, a conclusão das investigações foi que o trocador do ônibus pediu a um segurança da empresa, Clóvis da Cruz Santana, 30 anos, que acabasse com a bagunça dos rapazes. Segundo o delegado, ele pegou a arma de outro segurança - o guarda municipal Cláudio Bicalho da Silva, 30 anos - e os executou.

Cláudio, conhecido como "Bacurau", foi preso, julgado e condenado. O delegado disse apenas que o trocador, que se chamava Severino, em seu depoimento, pediu para os jovens parar com a bagunça cujo pedido de silêncio que não foi obedecido culminou na chacina.

À polícia, Cláudio afirmou que Clóvis tomou sua arma, uma pistola 380, para matar os garotos. Depoimentos prestados por dois sobrinhos e um irmão de criação de Clóvis, no entanto, desmontam esta versão.

As investigações apontaram que o trocador chamou Clóvis e pediu que ele desse um fim na bagunça. O Clóvis disse que 'estava limpo' (sem arma). O trocador então chamou o Cláudio e pediu que entregasse sua arma, o que ele fez imediatamente. Clóvis obrigou os jovens a descerem do ônibus, na Estrada do Calundu, com as mãos dentro das bermudas, para impedir qualquer reação. Parou numa barraquinha de venda de bebidas e pegou uma mochila, onde havia outra pistola 380. Mandou os garotos se ajoelharem e matou-os à queima-roupa. Alan Justino da Silva, 17, André Luís Lopes Barreto, 15, Daniel Gomes dos Santos, 17, Vágner Ramiro de Melo, 16, e André Luis Filene, 16, foram mortos com tiros na cabeça. A passagem no ônibus da linha 449 custava R\$ 0,50.<sup>50</sup>

## Conclusão

Ao realizar a pesquisa para esse artigo, nos deparamos com muitas memórias esquecidas de uma população silenciada pelas dificuldades impostas pela violência e pelas condições precárias de moradia, típicas das periferias urbanas pelo país. Historicamente, há uma ineficiência em combater essa violência. As chacinas do Wona e do Lote XV nunca foram solucionadas, por exemplo.

A violência das periferias tem várias facetas e não pode ser somente encarada como aquela que causa dor e morte, ela também é psicológica e simbólica, pois os moradores dessas regiões são relacionados a indivíduos que servem os centros com mão-de-obra braçal, no caso dos jovens, a visão de um indivíduo potencialmente perigoso, seja pela sua cultura, hipossuficiência financeira ou localização de sua moradia.

Dessa forma, pesquisar a história dessas "periferias renegadas" ajuda a entender e medir a profunda desigualdade social presente no Brasil. Todavia, essas lembranças não podem ser vistas somente como máculas, pois são regiões habitadas por indivíduos que fomentam

---

<sup>50</sup> Site da Uol. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fol/geral/ge21021.htm>

resistência. Portanto, assim como Marli Coragem, essas “periferias renegadas” têm muitos processos de resistência que ainda precisam ser demasiadamente visibilizados.

## Referências

### Bibliografia

- ACERVO DIGITAL JORNAL O GLOBO. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: ago. 2020.
- AINLAY, Stephen C.; COLEMAN, Lerita M.; BECKER, Gaylene. Estigma reconsiderado. In: *O dilema da diferença*. Springer, Boston, MA, 1986. p. 01-13.
- ALMEIDA, Rubens de. Belford Roxo também tem histórias para contar. *Revista Pilares de História*, Duque de Caxias, v. 8, n. 9, p. 69-76, 2009.
- AMARO, Tânia. BAIXADA FLUMINENSE. *Revista Pilares de História*, Duque de Caxias, v. 8, n. 9, p. 07-09, 2009.
- ATLAS ESGOTOS. Disponível em: [www.atlasesgotos.ana.gov.br](http://www.atlasesgotos.ana.gov.br). Acesso em: 30 ago. 2020.
- COSTA, Heloísa Raquel Inácio. *"Bastam seis dias": a domesticação da água e a plataforma republicana na Revista Ilustrada*. Brasília: UNB, 2017.
- DOMINGUES, Álvaro. (Sub)úrbios e (sub) urbanos – o mal-estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? *Geografia – Revista da faculdade de Letras*. I série, vol. X, XI. Porto, 1994/95 p. 05-18.
- GAMA F. *O desenvolvimento econômico do Bairro Lote XV, Belford Roxo, RJ*. 2016. 38 fl. Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Duque de Caxias-Feuduc. 2016.
- GEOGRAFIA URBANA UFRRJ. Disponível em: [geografiaurbanaufrrj.blogspot.com/2014/12/belford-roxo-cidade-do-amor.html](http://geografiaurbanaufrrj.blogspot.com/2014/12/belford-roxo-cidade-do-amor.html). Acesso em: 14 jul. 2018.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC. 1975.
- IBGE. Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=330045&search=%7Cbelford-roxo>. Acesso em: 05 Ago. 2020.
- JORNAL ÚLTIMA HORA. Rio de Janeiro, 28 fev. 1983, p. 9.
- LACERDA, Mariana. *Revista Continuum*. São Paulo: Itaú Cultural, n.26, 2010.
- LINK, Bruce G.; PHELAN, Jo C. Conceitualizando o estigma. *Revisão anual de Sociologia*, v. 27, n. 1, p. 363-385, 2001.
- LINS. I, & MARTINS. V. CORAGEM MULHER. In: *Novo tempo*. Intérprete: Ivan Lins. EMI, São Paulo. 1980.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista brasileira de ciências sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

- MISSE, Michel. As ligações perigosas: mercado informal ilegal, narcotráfico e violência no Rio. *Contemporaneidade e educação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1997.
- PAUGAM, Serge (2003) A desqualificação social. Ensaio sobre a nova pobreza. *Coleção Educação e Trabalho social* 6. Porto: Porto Editora.
- PIETRO, O crime organizado... pelo Estado. *A NOVA DEMOCRACIA*, 2006. Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/no-32/405-o-crime-organizado-pelo-estado>. Acesso em: 28 ago 2020.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista estudos históricos*. Rio de Janeiro, 2.3, 3-15, 1989.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE BELFORD ROXO. Disponível em: [www.belfordroxo.gov.br](http://www.belfordroxo.gov.br). Acesso em: 2 set. 2020.
- RAULINO, Sebastião Fernandes. 50 anos de Reduc: Momento para reflexão sobre desigualdades e injustiças ambientais relacionadas às indústrias do petróleo, Petroquímica e Química. *Revista Pilares de História*, Duque de Caxias, v. 10, n. 12, p 39-52, 2011.
- RIBEIRO SALES, Marcelo. *Memórias da violência e resistências silenciadas: as ações político-educativas da paróquia São Simão, em Belford Roxo (RJ)*. Dissertação de Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas. FEBF/UERJ. Duque de Caxias. 2019.
- RIZZINI, Irene; LIMONGI, Natalia da Silva. Percepções sobre violência no cotidiano dos jovens. *Revista Katálysis*, v. 19, n. 1, p. 33-42, 2016.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SOUZA ALVES, José Cláudio. *Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias. APPH, 2003.
- SOUZA ALVES, José Cláudio. *Violência e política na Baixada: o caso dos grupos de extermínio*. In: Documento Impunidade na Baixada Fluminense. Rio de Janeiro. 2005.
- SOUZA, Marlúcia Santos de. *Escavando o passado da cidade: história política da cidade de Duque de Caxias*. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2014.